

Remix Ensemble

Casa da Música

Orquestra Barroca

Casa da Música

Tito Ceccherini direção musical
Andreas Staier cravo e direção musical
Stephanie Wagner flauta

10 nov 2024 · 18:00 Sala Suggia

À VOLTA DO BARROCO
ANO DE PORTUGAL



casa da música

MECENAS

CIN

O programa apresentado pela Orquestra Barroca Casa da Música e Andreas Staier nos concertos de 10 e 12 de novembro foi gravado e editado pela Harmonia Mundi, num CD que se encontra à venda na Loja Casa da Música, e será apresentado em digressão no Auditorium de Lyon, a 26 de novembro.

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

Remix Ensemble Casa da Música

Tito Ceccherini direção musical

Stephanie Wagner flauta

Luca Francesconi

Daedalus (Pierre Boulez in memoriam), para flauta e ensemble (2017; c.27min)

2ª PARTE

Orquestra Barroca Casa da Música

Andreas Staier cravo e direção musical

William Corbett

Concerto 'Alla Portuguesa', de *Le Bizzarie Universali*, op. 8 n.º 7 (pub.1728-42; c.9min)

1. Allegro
2. Largo e pia[no]
3. Allegro

Carlos Seixas

Concerto para cravo em Sol menor (c.1740-42?; c.15min)

1. Allegro
2. Adagio
3. Allegro assai

Domenico Scarlatti

Três Sonatas para cravo (séc. XVIII; c.12min)

- Sonata em Sol menor, K. 8: Allegro
- Sonata em Sol maior, K. 13: Presto
- Sonata em Si menor, K. 173: Allegro

Carlos Seixas

Concerto para cravo em Lá maior (c.1730; c.6min)

1. Allegro
2. Adagio
3. Giga: Allegro

Luca Francesconi

MILÃO, 1956

Daedalus (Pierre Boulez in memoriam), para flauta e ensemble

Numa entrevista realizada em 2019,¹ Luca Francesconi descreve com bastante detalhe a narrativa subjacente a *Daedalus* e, em particular, a ideia de “labirinto” que lhe serve de base. O título é, já de si, uma referência nesse sentido, visto que Dédalo é uma figura mitológica grega especialmente conhecida por ter criado o labirinto para o rei Minos de Creta aprisionar o temível Minotauro. O “labirinto” é, de resto, uma imagem predilecta para muitos compositores depois de 1945, talvez por evocar noções de caos, imprevisibilidade e indeterminação que são caras a sensibilidades modernistas. Alguns exemplos: *Laborintus II* (1965), de Luciano Berio; o conjunto da obra de Brian Ferneyhough, que tem sido analisada à luz da metáfora do “labirinto”;² e *Minotaur* (2013), uma ópera relativamente recente de Harrison Birtwistle.

Nessa entrevista, Francesconi explica o significado narrativo que dá à relação musical que se estabelece, na sua peça, entre a flauta solista e um pequeno ensemble constituído por clarinete, percussão, piano, violino e violoncelo. A peça começa, por exemplo, com um longo solo da flauta, de carácter muito livre e florescente. Francesconi sugere que a flauta é uma espécie de entidade pastoral, “um fauno, um duende ou um sátiro, livre e feliz, sem qualquer problema”. Uns minutos depois, o resto do ensemble entra subitamente em cena, de forma violenta. Francesconi descreve-o como uma “máquina

racional”, que força a flauta, inicialmente relutante, a ele se juntar e entrar no labirinto, que representa o caos no mundo. Explica-nos também que a trajetória musical seguida “dentro do labirinto” é inspirada pela configuração de um labirinto particular (e real): o célebre Hampton Court Maze, próximo de Londres. Assim, quanto mais perto nos encontramos do centro (ou do “pólo de atracção”) do labirinto, mais pesadas, graves e lentas são as sonoridades; quanto mais longe, mais aéreas, rápidas e agudas. Acrescenta ainda Francesconi: “(...) passo a passo, os instrumentos tornam-se mais e mais independentes e encontram uma vida nova, criando um mundo fantástico. E, no final, perdem todas as suas propriedades culturais e racionais, tornando-se cada vez mais puro material, pura matéria”.

Muitos compositores seriam provavelmente mais circunspectos, preferindo não revelar com tanto detalhe as ideias que presidiram à composição da peça. Para Francesconi, contudo, o aspecto narrativo é central. Conforme salienta Michel Rigoni,³ a ideia de “trama” ou “enredo” é muito importante na sua música, assim como a vontade — intimamente relacionada — de criar um discurso musical complexo mas com uma direccionalidade clara. Assim, já em *Plot in fiction* (1986), para oboé/corne inglês e 11 instrumentos, o compositor convocava uma metáfora narrativa (“plot” significa trama ou enredo). De acordo com Rigoni, essa “narratividade reivindicada [por Francesconi] condu-lo naturalmente a confrontar música e palavra”, citando como exemplos *Etymo* (1994) e a sua ópera *Ballata* (1999). No caso de *Daedalus*, não há, evidentemente, um texto explícito ou directamente audível na música (que é exclusivamente instrumental), mas há uma espécie

¹ <https://www.youtube.com/watch?v=8wdmwAEkw7w>

² Ross Feller, 1994, *Multicursal Labyrinths in the Work of Brian Ferneyhough*.

³ <http://articles.ircam.fr/textes/Rigoni94a/index.html>

de texto implícito, um (quase-)programa, que nos é contado pelo próprio compositor.

Daedalus (2017) resultou de uma encomenda da Fundação Daniel Barenboim, tendo a peça sido estreada, em Janeiro de 2018, pelo flautista Emmanuel Pahud e pelo próprio Barenboim, à frente do Ensemble Boulez, na Sala Boulez, em Berlim. Não é meramente circunstancial a referência a Pierre Boulez que, à data da encomenda, composição e estreia de *Daedalus*, havia falecido recentemente (em Janeiro de 2016). Ainda que Francesconi não tivesse sido aluno de Boulez (foi-o de Stockhausen e Berio), claramente admira-o e esta peça é disso testemunho. Para já, a partitura contém a inscrição “Pierre Boulez in memoriam”. Mais significativamente, *Daedalus* segue a mesma instrumentação de uma das peças mais conhecidas e tocadas do compositor francês: *Dérive 1* (1984); além disso, evoca, no seu carácter frequentemente furioso e no elevado virtuosismo requerido aos intérpretes, uma outra obra de Boulez: *Dérive 2* (1988/2006). De resto, esse virtuosismo instrumental (que está longe de se aplicar apenas à flauta solista) lembra também a música concertante de Luciano Berio, estabelecendo mais uma ligação de Francesconi com a tradição da vanguarda europeia do pós-guerra, uma tradição que ele continua e reinventa.

DANIEL MOREIRA, 2021*

Barroco à Portuguesa

Ao longo do séc. XVIII, Portugal e Espanha permaneceram algo isolados do resto da Europa, apesar dos diversos esforços de internacionalização levados a cabo por ambas as coroas. Eram poucos os estrangeiros que se atreviam a cruzar as estradas ermas e pedregosas da Península, só muito recentemente liberta das guerras da Restauração e da Sucessão Espanhola, e excluída das rotas da *grand tour* tradicionalmente empreendida pelos norte-europeus. O fluxo constante de artistas italianos (pintores, arquitectos e músicos) representava uma excepção a esta realidade. Eram contratados por ambas as cortes para colmatar décadas de isolamento civilizacional e actualizar o gosto artístico, substituindo as tradições nativas por modas mais cosmopolitas e procurando oferecer uma imagem moderna e esclarecida às restantes cortes europeias. Os mercadores britânicos constituíam outra grande excepção ao isolamento peninsular. Tirando partido das relações privilegiadas de Londres com Lisboa, estabeleceram-se nas principais cidades portuárias de forma a comercializarem as mercadorias originárias dos impérios coloniais ibéricos, assim como vários produtos locais. Juntamente com os carregamentos, seguiam cartas e relatos, destinados aos familiares e parceiros comerciais, em que davam conta das suas impressões desta desconhecida e exótica península.

Tendo em conta um contexto tão peculiar, não surpreende a enorme influência da música e dos músicos italianos sobre os compositores locais, nem o facto de Inglaterra ser um dos raros pontos no norte da Europa onde a música ibérica (a definição deve incluir a produção dos artistas italianos activos em ambos os países) era relativamente conhecida e estimada. A

inclusão, por **William Corbett** (Londres, 1680 — Londres, 1748), das peças *Alla Spagniola* e *Alla Portuguesa* na sua colecção de concertos intitulada *Le Bizzarie Universali* | *Universal Bizzaries* (publicada em 1728 e 1742) pode ser lida como um reflexo desta relação privilegiada. Corbett cultivava uma inclinação particular pelo bizarro e incomum, manifesta nos títulos e estilos desta vasta colectânea que revela uma ânsia quase enciclopédica de representar musicalmente todas as nações europeias. Em *Alla Portuguesa* é difícil distinguir aquilo que o compositor considerou ser genuinamente português, uma vez que a forma do concerto grosso, bem como o estilo, não deixam de ser em tudo muito italianos. Talvez se consiga encontrar na melancolia do andamento lento central uma vaga evocação da célebre nostalgia lusitana.

Domenico Scarlatti (Nápoles, 1685 — Madrid, 1757) esteve ao serviço da corte portuguesa entre 1719 e 1729, tendo sido contratado por D. João V, juntamente com outros músicos italianos, como parte da estratégia de engrandecimento da Capela Real e Patriarcal, dotada de um cerimonial decalcado da capela papal. Em Lisboa compôs sobretudo música vocal sacra e de câmara antes de seguir para Espanha ao serviço da sua pupila, a princesa das Astúrias e futura rainha de Espanha, D. Maria Bárbara de Bragança, para quem terá composto a maior parte das suas sonatas para cravo. As Sonatas K. 8 e K. 13 foram publicadas em Londres, em 1738, na colecção intitulada *Essercizi per gravicembalo* e dedicada ao rei português D. João V. Já a Sonata K. 173 encontra-se preservada num dos manuscritos da Biblioteca Nacional Palatina em Parma (Itália) e provém da colecção pessoal de D. Maria Bárbara. A Sonata K. 8, na sombria tonalidade de Sol menor, explora um ritmo obsessivo

que recorda o badalar dos sinos — talvez uma recordação da Patriarcal de Lisboa ou dos carilhões de Mafra? A Sonata K. 13 em Sol maior possui um carácter muito diferente: galante, mesmo um pouco *coquette*, recorda a escrita para tecla de J. P. Rameau, sendo provável que ambos se tenham conhecido em Paris, em casa do embaixador português. A Sonata K. 173, na melancólica tonalidade de Si menor, é mais séria e complexa, combinando vários motivos e recorrendo à imitação, sempre com bastante fulgor.

Apesar do seu grande prestígio nacional e dos elogios de Scarlatti, o português **José António Carlos de Seixas** (Coimbra, 1704 — Lisboa, 1742) nunca recebeu qualquer reconhecimento internacional. Jovem prodígio, sucedeu ao seu pai no posto de organista da catedral de Coimbra antes de rumar à capital, onde, até à morte precoce, ocupou igual posição na Capela Real e Patriarcal. Embora nunca tenha sido enviado a estudar em Itália como bolseiro real, participou activamente na italianização da vida musical da corte, escrevendo música sacra e serenatas, mas sobretudo absorvendo as mais recentes novidades estilísticas e formais da música instrumental. Apesar da importância da tradição ibérica na sua formação, Seixas foi inovador e experimentalista, sendo creditado como um dos inventores do concerto para instrumento de tecla. Podem ser-lhe atribuídas com segurança duas obras nesta forma: o Concerto em Lá maior, preservado num manuscrito da Biblioteca do Palácio Real da Ajuda, em Lisboa; e o Concerto em Sol menor, conservado num manuscrito da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e originário do Mosteiro de Santa Cruz da mesma cidade.

Ambos os concertos possuem três andamentos e concluem com uma dança vigorosa.

Os andamentos lentos centrais são muito diferentes: o do Concerto em Lá é uma expressiva cantilena para cravo solo com um discreto acompanhamento orquestral; no Concerto em Sol menor é confiada ao violino solo uma inspirada e eloquente melodia. O primeiro, um dos mais antigos concertos para cravo, terá sido escrito o mais tardar no início da década de 1730 e segue de perto o modelo vivaldiano. Com uma escrita melodiosa, é uma obra encantadora mas muito breve. O segundo, muito mais amplo, deverá ter sido composto pouco tempo antes da morte do compositor. Num idioma galante, apresenta um sentimentalismo exacerbado de origem napolitana e anuncia um expressionismo de precoce e arrebatado carácter *Sturm und Drang*, manifesto em outras das suas partituras. Estas e várias outras peculiaridades do estilo deste concerto certificam a inegável autoria de Seixas, questionada ainda recentemente. Aqui, a escrita para cravo é muito virtuosística e explora vários recursos técnicos e expressivos do instrumento num estilo hoje mais associado a Scarlatti. Ambos os compositores apontam inegavelmente para novas direcções estilísticas, numa musicalidade ora impetuosa e apaixonada, ora terna e melancólica. Essa expressividade tornar-se-á paradigmática na música ibérica tal como a concebemos no século XXI, nomeadamente em géneros tradicionais como o fado e o flamenco.

FERNANDO MIGUEL JALÔTO, 2018*

* Os autores não aplicaram o Acordo Ortográfico de 1990.

Tito Ceccherini direção musical

O reconhecimento internacional do maestro italiano Tito Ceccherini advém particularmente das suas interpretações de repertório do século XX e contemporâneo. Conjuga com mestria o foco nos detalhes com o conhecimento da estrutura alargada da obra — o modo como dirigiu *Da Casa dos Mortos*, de Janáček, foi muito elogiado precisamente pela precisão e pela atenção à arquitetura da composição.

Na temporada 2024/2025, Ceccherini leva ao Festival de Lucerna uma nova ópera de Lucia Ronchetti, *Der Doppelgänger*, que estreou no Festival Schwetzingen SWR 2024 com a Orquestra Sinfónica SWR. Abre a Bienal de Veneza com o Ensemble Modern e a Orquestra do Teatro La Fenice, interpretando obras de Rebecca Saunders e Unsuk Chin, e estreia-se com a Filarmónica Eslovena, num programa que junta composições de Sibelius, Toshio Hosokawa, Toru Takemitsu e Debussy. Regressa ao festival Milano Musica com a Orquestra de Milão, à Orquestra de Câmara da Basileia e ao Remix Ensemble no Porto.

No campo operático, obteve grande sucesso com a nova produção de *Dialogues des Carmélites* de Poulenc, assinada por Jenske Mijnsen e apresentada na Ópera de Zurique, em 2022 — depois de nessa sala ter dirigido *Le Grand Macabre* de Ligeti, em 2019. Estreou-se no Theater Basel com *La Traviata* de Verdi (encenação de Benedikt von Peter), em 2022, e na Ópera Estatal de Estugarda com *Kát'a Kabanová* de Janáček, em 2023 (encenação de Jossi Wieler e Sergio Morabito). Trabalha regularmente, desde 2009, com o Teatro La Fenice, em Veneza, onde dirigiu obras como *Dido and Aeneas* de Purcell (2020), *Luci mie traditrici* de Sciarrino (2019), *Richard III* de Battistelli (2018; encenação de Robert Carsen, vencedora do Prémio da

Crítica Musical Franco Abbiati), *Cefalo e Procri* de Krenek (2017) e *La porta della legge* de Sciarrino (2014). É convidado frequente da Ópera de Frankfurt (*Aus einem Totenhaus* de Janáček, 2018; *The Rake's Progress* de Stravinski, 2017) e do Théâtre du Capitole em Toulouse (*O Rapto do Serralho* de Mozart, 2017; *Béatrice et Bénédicte* de Berlioz, 2016; *Il prigioniero* de Dallapiccola e *O Castelo do Barba Azul* de Bartók, 2015, encenação de Aurélien Bory). Depois da sensacional estreia mundial de *Da gelo a gelo* de Sciarrino, no Festival Schwetzingen 2006, dirigiu primeiras audições de numerosas obras — entre elas *Inferno* de Lucia Ronchetti, na Ópera de Frankfurt, em 2021.

Tito Ceccherini trabalha também com orquestras de prestígio internacional: Philharmonia Orchestra, Filarmónica de Tóquio, Filarmonica della Scala, Orchestra del Maggio Musicale Fiorentino, Orquestra Estable del Teatro Colón, Sinfónica da BBC, Filarmónica da Radio France, Radio Filharmonisch Orkest, as orquestras das rádios de Estugarda, Colónia, Frankfurt e Turim, entre outras formações em Itália, Espanha e Portugal. Quanto aos ensembles, os seus parceiros regulares são o Klangforum Wien, o Ensemble Modern, o Ensemble intercontemporain, o Collegium Novum Zurich e o Ensemble Contrechamps. É fundador do Ensemble Risognanze, dedicado à interpretação de obras-primas da música de câmara, desde Debussy aos nossos dias. A sua discografia inclui álbuns para as editoras Sony, Kairos, Col legno e Stradivarius, tendo arrecadado prémios como o Diapason d'or, o Midem Classical Award e o Choc du Monde de la Musique.

Natural de Milão, Ceccherini estudou piano, composição e direção de orquestra no Conservatório Giuseppe Verdi, tendo depois prosseguido a sua formação em São Petersburgo (Rússia), Estugarda e Karlsruhe (Alemanha).

Andreas Staier

cravo e direção musical

Andreas Staier tornou-se célebre inicialmente como cravista e, mais tarde, como pianista e maestro. Após ter estudado com Lajos Rovattkay e Ton Koopman, trabalhou com o Musica Antiqua Köln durante três anos. Mais do que um representante virtuoso da chamada interpretação historicamente informada, pode ser descrito como um apaixonado investigador dos sons. Cada obra que abraça é analisada em detalhe em termos de estrutura, mas também sob o ponto de vista da situação histórica em que foi criada. Através desta abordagem meticulosa, Staier trouxe novas possibilidades interpretativas e experiências auditivas surpreendentes. Para isso, trabalha com construtores de instrumentos no sentido de tornar possíveis nuances sonoras especiais — seja em música do século XVI, como a dos virginalistas ingleses, seja nas *Variações Goldberg* de Bach, nas *Variações Diabelli* do período tardio de Beethoven ou nas últimas composições para piano de Brahms. Toca ainda compositores menos conhecidos quando descobre características originais nas suas obras, sendo disso exemplo Sebastián de Albero ou Josef Antonín Štěpán.

O seu compromisso não se fica pela música do século XIX. A colaboração com o compositor francês Brice Pauset (1965) resultou em várias obras, como a *Kontra-Sonata*, de 2020 — um híbrido entre a Sonata em Lá menor D. 845 de Schubert e as composições de Pauset. Aproveitou a pausa causada pela pandemia para terminar *Anklänge* — seis peças para cravo, que combina com o Prelúdio e Fuga em Mi bemol maior do segundo caderno de *O Cravo Bem Temperado* de Bach. A estreia aconteceu em janeiro de 2023, na Philharmonie de Colónia, e o álbum *Méditation* foi lançado em

2024 pela Alpha Classics (Outhere Music). A partitura foi publicada pelas Editions Lemoine.

A mestria de Andreas Staier está documentada em vários registos discográficos, com todos eles a receberem prémios de relevo. Entre as distinções que lhe foram atribuídas, refira-se a Medalha Bach da Cidade de Leipzig (2024) e as residências no AMUZ de Antuérpia (2012-2016) e na Ópera de Dijon (2011-2021). Apresentou-se no cravo e no pianoforte em muitos festivais de música e palcos conceituados à volta do mundo, com agrupamentos como a Orquestra Barroca de Freiburg, Concerto Köln, Akademie für Alte Musik Berlin e Orquestra Barroca Casa da Música — com a qual gravou o CD *À Portuguesa* (2018, Harmonia Mundi). No Ano Beethoven, lançou o disco *A New Way — Beethoven*. As suas gravações de *O Cravo Bem Temperado — 2.º caderno*, consideradas uma referência, foram completadas com o lançamento do *1.º caderno* em 2023. Em conjunto com Roel Dieltiens, gravou as Sonatas para violoncelo op. 102 e as Bagatelles opp. 119 e 126 de Beethoven.

Entre os seus parceiros de música de câmara incluem-se os pianistas Alexander Melnikov, Christine Schornsheim e Tobias Koch, as violinistas Isabelle Faust e Petra Müllejans, e o tenor Christoph Prégardien. Mantém uma colaboração regular com Daniel Sepec e Roel Dieltiens, com quem gravou os trios para piano de Schubert, entre outras obras.

A vasta gama de interesses e de competências de Andreas Staier fizeram dele um professor muito requisitado. Além de orientar masterclasses em diferentes pontos do globo, ensinou cravo e pianoforte na Schola Cantorum Basiliensis, entre 1987 e 1995. Em 2017/18, esteve no Wissenschaftskolleg zu Berlin.

Stephanie Wagner flauta

A flautista luso-alemã Stephanie Wagner é, desde 2004, solista do Remix Ensemble Casa da Música. Com este agrupamento tocou estreias mundiais de mais de 50 compositores nacionais e estrangeiros em salas como a Elbphilharmonie de Hamburgo, o Konzertverein de Viena e a Tonhalle de Zurique. Apresentou-se como solista em Portugal e pela Europa em obras como *...explosante, fixe...* e *Mémorial* de Boulez, *Abyss* de Donatoni e *Tempi concertati* de Berio. Em 2021, fez a estreia nacional de *Daedalus* de Luca Francesconi na Casa da Música.

Stephanie Wagner estudou no New England Conservatory (Boston) e na Hochschule für Musik und Theater de Munique. Trabalhou em formações como a Orquestra Sinfónica de Londres, a Filarmónica de Boston, o Ensemble Recherche, a Sinfónica de Nuremberga e a Sinfónica de Munique. Gravou discos para a Rádio Bávara, a WGBH em Boston e os estúdios MODE Records (Nova Iorque).

Já em Portugal, fundou a Academia de Flauta de Verão e o Ensemble Éolia. Lecionou na ESMAE (Porto), na ESART (Castelo Branco), na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa e na Universidade de Aveiro. Dá masterclasses de norte a sul do país, e integra frequentemente júris de concursos nacionais e internacionais. Em 2015 foi-lhe atribuído o Título de Especialista com louvor por unanimidade do júri na ESMAE.

Desde 2018, é professora certificada de Relaxamento Muscular Progressivo pela Tao Health (Berlim, Alemanha). Orienta cursos de introdução e dá aulas individuais e em grupo deste método de relaxamento, aplicando-o também no seu ensino da flauta.

É artista da Powell Flutes e representante da Eva Kingma Flutes na Península Ibérica.

Remix Ensemble Casa da Música

Peter Rundel maestro titular

Desde a sua formação, em 2000, o Remix Ensemble Casa da Música apresentou cerca de 115 obras em estreia absoluta e foi dirigido por maestros de prestígio internacional como Peter Rundel, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Reinbert de Leeuw, Emilio Pomarico, Ilan Volkov, Matthias Pintscher, Enno Poppe, Jörg Widmann, Baldur Brönnimann e Olari Elts, entre outros. Stefan Asbury foi o seu primeiro maestro titular.

No plano internacional, subiu aos palcos mais importantes de cidades como Paris, Viena, Berlim, Colónia, Zurique, Hamburgo, Donaueschingen, Antuérpia, Bruxelas, Milão, Budapeste, Estrasburgo, Amesterdão, Witten, Roterdão, Luxemburgo, Huddersfield, Orleães, Bourges, Toulouse, Reims, Norrköping, Barcelona, Madrid, Valência e Ourense, incluindo os festivais Wiener Festwochen e Wien Modern (Viena), Agora (IRCAM — Paris), Printemps des Arts (Monte Carlo), Musica Strasbourg e Donaueschinger Musiktage. Foi o primeiro ensemble português a pisar o palco da Philharmonie de Berlim (2012) e o primeiro agrupamento musical português a tocar na Elbphilharmonie de Hamburgo (2020). Regressou a esta sala em 2023, numa digressão com Matthias Goerne que o levou também à Philharmonie de Colónia. Em 2024, apresenta-se no festival Acht Brücken de Colónia.

Entre as obras interpretadas em estreia mundial, incluem-se encomendas a Wolfgang Rihm, Georg Friedrich Haas, Wolfgang Mitterer, Francesco Filidei, Hèctor Parra, Erkki-Sven Tüür, Daniel Moreira e Jörg Widmann, além de composições de Pascal Dusapin, Georges Aperghis e Peter Eötvös. Fez as estreias mundiais das óperas *Philomela* de James Dillon

(Porto, Estrasburgo e Budapeste), *Das Märchen* de Emmanuel Nunes (Lisboa), *Giordano Bruno* de Francesco Filidei (Porto, Estrasburgo, Reggio Emilia e Milão) e da nova produção da ópera *Quartett* de Luca Francesconi (Porto e Estrasburgo). Apresentou um concerto cénico sobre a *Viagem de Inverno* de Schubert na reinterpretação de Hanz Zender, com encenação de Nuno Carinhas. O projeto *Ring Saga*, com música de Wagner adaptada por J. Dove e G. Vick, levou o Remix Ensemble em digressão por grandes palcos europeus. Nas últimas temporadas estreou em Portugal obras de Emmanuel Nunes, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös, James Dillon, Georg Friedrich Haas, Magnus Lindberg, Luca Francesconi, Philippe Manoury, Olga Neuwirth, Wolfgang Mitterer, Thomas Larcher, Christophe Bertrand, Oscar Bianchi, Philip Venables, Cathy Milliken, Rebecca Saunders, Justé Janulyté, Enno Poppe e Liza Lim, além de compositores portugueses de várias gerações.

Na temporada de 2024, regressa à música icónica de Emmanuel Nunes e divulga obras de Vasco Mendonça, Compositor em Residência — entre as quais um novo Concerto para violino, a estreiar pela prestigiada solista Carolin Widmann, e uma obra para voz e ensemble, com Christina Daletska. O encontro com o coletivo Ruído Vermelho traz música encomendada a Luís Antunes Pena, e a celebração do 25 de Abril aborda a vanguarda de Jorge Peixinho e Emmanuel Nunes, em confronto com as novas gerações.

O Remix tem 18 discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côrte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Mitterer, Rehnqvist, Dusapin, Francesconi, Chin, Schöllhorn, Aperghis e Eötvös. A revista Gramophone incluiu o CD com obras de Pascal Dusapin na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

Orquestra Barroca Casa da Música

Laurence Cummings maestro titular

A Orquestra Barroca Casa da Música formou-se em 2006 com a finalidade de interpretar a música barroca numa perspetiva historicamente informada. Além do trabalho regular com o seu maestro titular, Laurence Cummings, foi dirigida por Rinaldo Alessandrini, Alfredo Bernardini, Amandine Beyer, Fabio Biondi, Harry Christophers, Antonio Florio, Paul Hillier, Paul McCreech, Riccardo Minasi, Hervé Niquet, Andrew Parrott, Rachel Podger, Christophe Rousset, Dmitri Sinkovsky, Andreas Staier e Masaaki Suzuki, na companhia de solistas como Roberta Invernizzi, Franco Fagioli, Peter Kooij, Dmitri Sinkovsky, Alina Ibragimova, Rachel Podger, Marie Lys, Iestyn Davies, Rowan Pierce, Andreas Scholl, Pieter Wispelwey, Ilya Gringolts, Fernando Guimarães, Anna Dennis e Nuria Rial, e os agrupamentos The Sixteen, Coro Casa da Música e Coro Infantil Casa da Música.

Os concertos da Orquestra Barroca têm sido aclamados pela crítica nacional e internacional. Fez a estreia portuguesa da ópera *Ottone* de Händel e a estreia moderna da obra *L'ippolito* de Francisco António de Almeida. Apresentou-se em digressão em Espanha (Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza e em Ourense), Inglaterra (Festival Handel de Londres), França (Ópera de Dijon e Festivais Barrocos de Sablé e de Ambronay), Alemanha (BASF em Ludwigs-hafen am Rhein), Áustria (Konzerthaus de Viena) e China (Conservatório de Música da China em Pequim), além de várias cidades portuguesas — incluindo os festivais Braga Barroca, Noites de Queluz e Temporada Música em São Roque.

Ao lado do Coro Casa da Música, interpretou a *Missa em Si menor*, o *Magnificat*, as

Oratórias de Páscoa, Ascensão e Natal, e várias cantatas de Bach, *Te Deum* e *Missa Assumpta est Maria* de Charpentier, *Messias* de Händel, *Vésperas de Santo Inácio* de Domenico Zipoli, *Missa de Santa Cecília* de Haydn e *Gloria* de Vivaldi. Em 2015 estreou-se no Palau de la Musica em Barcelona, onde recolheu largos elogios da crítica. No mesmo ano, mereceu destaque a integral dos *Concertos Brandeburgueses* dirigidos por Laurence Cummings. Tem tocado regularmente com o prestigiado cravista Andreas Staier, com quem gravou o disco *À Portuguesa* (Harmonia Mundi, 2018), que incluiu dois concertos de Carlos Seixas e foi apresentado no Porto e em digressão — Ópera de Dijon, BASF em Ludwigshafen am Rhein, Konzerthaus de Viena e Noites de Queluz em Sintra. Esse mesmo programa leva a Orquestra Barroca a visitar o Auditório de Lyon em 2024. Nas últimas temporadas, interpretou os *Stabat Mater* de Pergolesi, Charpentier, Vivaldi e Scarlatti, as *Vésperas* de Monteverdi, *Ode para o Dia de Santa Cecília* de Händel, *Sete últimas palavras de Cristo na Cruz* de Haydn e *Música Aquática* de Telemann, entre muitas outras.

O repertório a apresentar em 2024 inclui excertos de serenatas de António Leal Moreira, o *Stabat Mater* de José Joaquim dos Santos e o *Messias* de Händel. A Orquestra colabora com artistas de relevo internacional, como o maestro e solista Andreas Staier, a soprano Rowan Pierce e o barítono Josep-Ramon Olivé, dividindo o palco também com solistas portugueses como as sopranos Joana Seara e Sara Braga Simões, a flautista Marta Gonçalves e os oboístas Pedro Castro e Andreia Carvalho.

A discografia da Orquestra Barroca inclui gravações ao vivo de obras de Avison, D. Scarlatti, Carlos Seixas, Avondano, Vivaldi, Bach, Muffat, Händel e Haydn, sob a direção de maestros prestigiados.

Remix Ensemble

Violino

Ashot Sarkissjan

Violoncelo

Oliver Parr

Flauta

Stephanie Wagner

Clarinete

Victor J. Pereira

Percussão

Mário Teixeira

Piano

Jonathan Ayerst

Orquestra Barroca

Violino I

Petra Müllejans

Cecília Falcão

César Nogueira

Mario Braña Gomez

Violino II

Ariana Dantas

Bárbara Barros

Miriam Macaia

Mariña Garcia-Bouso

Viola

Raquel Massadas

Isabel Juárez

Violoncelo

Filipe Quaresma

Vanessa Pires

Contrabaixo

José Fidalgo

Oboé

Pedro Castro

Andreia Carvalho

Fagote

Lurdes Carneiro

Cravo

Silvia Márquez Chulilla

Operação Técnica

Iluminação

Rui Pinto Leite

Palco

Amaro Machado

André Silva

Ernesto Pinto da Costa

Fernando Gonçalves

Rui Brito

Próximos concertos

10.11 DOM 21:00 SALA 2

Tony Ann

promotor: Misty Fest

11.11 SEG 21:30 SALA SUGGIA

Tindersticks

promotor: Locomotiva Azul

12.11 TER 19:30 SALA SUGGIA

Heranças do Barroco

Orquestra Barroca Casa da Música

Andreas Staier cravo e direção musical

obras de **Charles Avison, Domenico Scarlatti e Luigi Boccherini**

Remix Ensemble Casa da Música

Tito Ceccherini direção musical

Jonathan Ayerst piano

Carolin Widmann violino

obras de **Philippe Manoury e Kaija Saariaho**

12.11 TER 21:30 SALA 2

Sveen Helbig Solo

promotor: Misty Fest

14.11 QUI 21:00 SALA SUGGIA

Eduardo Guerrero – Bailar no es solo bailar

promotor: Zález Artist Collect

14.11 QUI 21:30 CAFÉ

Miguel Marôco

16.11 SÁB 14:30 SALA DE ENSAIO 2

Inteligência Artificial na Música

Óscar Rodrigues formador

16.11 SÁB 15:00 SALA 2

Eça é que é Eça

serviço educativo | nossos concertos

Mário João Alves ideia original, textos e encenação

Ângela Alves, João Tiago Magalhães, Mário João Alves

e **Paulina Sá Machado** interpretação

Ópera Isto! coprodução

16.11 SÁB 18:00 SALA SUGGIA

Sinfonia lírica

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier direção musical

Martina Welschenbach soprano

Jordan Shanahan barítono

obras de **Josef Matthias Hauer, Arnold Schoenberg e Alexander von Zemlinsky**

17.11 DOM 10:00 E 11:30 SALA DE ENSAIO 2

A Flauta Mágica do Mozart

serviço educativo | primeiras oficinas

António Miguel Teixeira e Sofia Nereida formadores

17.11 DOM 18:00 SALA SUGGIA

Portugal a cantar

Coro Casa da Música

Nils Schweckendiek direção musical

obras de **Duarte Lobo, Ângela da Ponte, Pero de Gamboa, Carlos Seixas,**

Pedro de Cristo, João Lourenço Rebelo, Luís Tinoco, Diogo Dias Melgás,

António Chagas Rosa e Francisco António de Almeida

17.11 DOM 12:00 SALA 2

Concerto de Laureados do Concurso de Piano de Oeiras

Zeming Wu piano

Marta Fernandez piano

obras de **Enrique Granados e Sergei Prokofieff**

17.11 DOM 21:30 SALA 2

Bernard Butler

promotor: Pinut's

APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS CASA DA MÚSICA

